

**MULHERES DE ONTEM? RIO DE JANEIRO,
SÉCULO XIX**

MARIA THEREZA CAIUBY CRESCENTI BERNARDES
São Paulo, T. A. Queiroz, 1989
(Coleção Coroa Vermelha — Estudos Brasileiros, 9)

Minhas avós nasceram nas últimas décadas do século XIX. Embora a expressão "século passado" pareça remeter a um tempo remoto, a maneira como elas — e inúmeras outras — criaram as filhas e filhos que vieram a ser nossos pais certamente tem enorme peso na conformação da maneira como as gerações adultas de hoje fomos educadas.

Essa seria apenas uma justificativa a mais, ao nível pessoal, para o interesse num período de nossa história que a autora de *Mulheres de Ontem?* justifica de forma bem mais erudita. Evoca Caio Prado Jr., que aponta essa como a época mais elucidativa para compreender nossa evolução: sucintamente, o Segundo Reinado e os primeiros anos da República corresponderam às transformações mais marcantes da sociedade brasileira — de colonial a republicana, de agrária a industrial incipiente, de escravocrata a liberal.

Se o foco no período histórico é amplamente justificável, a relevância do tema ainda precisa de um reforço. Tanto para o público mais amplo como para os círculos acadêmicos, estudos sobre "a condição feminina" ainda enfrentam resistências, como se tratassem de tema menor, assunto periférico. Pode-se recorrer a conhecida paráfrase para assegurar que, no caso da presença de extraterrestres entre nós, seguramente a primeira classificação ou distinção que fariam sobre os seres deste planeta, após breve observação, seria a da divisão entre os sexos. Inarredável porque de fundo biológico, mais nítida do que quaisquer outras distinções, de idade ou de posição social, a diferença e as relações entre mulheres e homens, entretanto, ainda enfrentam a precariedade de sua inserção como questão teórica, entre nós.

Mulheres de ontem?, longe de ser uma descrição biográfico-laudatória sobre a condição de nossas avós ou bisavós, é um estudo primoroso onde o gênero é esboçado como uma relação entre as construções do feminino e do masculino. Essa é sua novidade, inclusive, em relação a toda uma gama de estudos sobre mulher, onde a ênfase recaía sobre o gênero feminino, e não nas relações sociais de gênero.

Um documento descoberto pela autora, a "Poliantéia" de uma escola — conjunto de discursos, quase todos masculinos, escritos de encomenda por ocasião da abertura de escola "secundária" para moças — é contrastado ao discurso masculino subjacente à obra e à composição de personagens femininas em 19 romances de escritores notáveis como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo ou Machado de Assis. Esse conjunto de "opiniões" sobre a oportunidade e finalidade da educação da mulher e, mais amplamente, esse ideário do feminino construído pelo masculino é, por sua vez, comparado às vozes de mulheres que se expressam na imprensa feminina da época — jornais fundados, redigidos por e dirigidos às mulheres urbanas letradas da época.

Lembrando que o estudo focaliza as mulheres das "camadas sociais superiores", emerge dessas três fontes uma imagem que reflete a pluralidade de pontos de vista sobre a condição feminina, distribuídos em ampla gama de nuances, imagem plural que se opõe à visão, cristalizada por obras que se tornaram clássicos, de mulheres ricas, ociosas, ignorantes e passivas.

Não apenas essa visão foi desafiada, mas também a propalada alegação de ausência ou insuficiência de fontes para estudar tal ideário naquele período, virtude aliás destacada por Maria Isaura Pereira de Queiroz em seu prefácio. Num alargamento das fontes, privilegiando fala e texto femininos, este estudo estaria contribuindo — como comentou recentemente Elizabeth Lobo — para deslocar a pergunta de "onde" para "como" se constrói o gênero.

Pessoalmente, acrescento a essas características a da fecundidade desse estudo, que suscita um sem-número de novas questões. O material a partir do qual a autora destila o ideário do papel feminino é muito rico de inferências, para além da categorização descritiva numa escala que vai, esquematicamente, do "contra" ao "a favor" acerca da educação feminina, no primeiro caso, ou da minuciosa distribuição das atitudes de personagens femininas numa escala de graus de autonomia em relação ao homem — pai, tutor, marido, familiares etc. Sentimos falta de uma conceitualização mais refinada. Amplamente ilustrados, todos e cada degrau dessas escalas sugerem irresistivelmente a necessidade de questionar os fundamentos dessas opiniões/visões, em termos dos conceitos subjacentes de "diferença" ou "igualdade", ou a maneira como é fundamentada a argumentação do papel "natural" da mulher, ou, ainda, os valores em nome dos quais, em raras vezes, sua "emancipação" é pleiteada. O depoimento de Joaquim Nabuco,

por exemplo, saudado como um dos poucos a propor a emancipação da mulher "em igualdade de condições" com o homem, não estaria louvando as vantagens de educar, apenas, as mulheres das classes trabalhadoras para (em suas palavras) "multiplicar os elementos ativos (...), operários da nossa sociedade" — e, ainda assim, explicitamente, "para ser útil ao homem, para ajudá-lo e socorrê-lo...?"

De outro lado, a detalhada apresentação da "versão feminina", a partir de escritos das jornalistas — numa imprensa feminina até então pouquíssimo estudada — levanta um mundo de interrogações acerca de sua visão do masculino e dos fundamentos de seus reclames — hoje aparentemente limitados? — por "igualdade" ou "emancipação".

A própria autora revela-se consciente da amplitude das questões sugeridas por sua pesquisa, indicando explicitamente algumas, de forma quase didática, como pontos de partida para novos estudos: a do levantamento de novas fontes, da imprensa feminina sediada em outros centros do país (além do Rio de Janeiro), ou de depoimentos de mulheres de outras camadas sociais; o contraste entre as opiniões dos intelectuais de ontem com as de uma eventual "poliantéia", por seus colegas atuais; as mudanças e permanências da imagem feminina projetada pelos romancistas de então e de agora etc.

Tomo a liberdade de acrescentar outras, relativas à educação.

O título da tese que deu origem ao livro era *Mulheres educadas*, numa referência explícita ao recorte elaborado pela autora, que tem o mérito de não tê-lo fixado em parâmetros sócio-econômicos necessariamente vagos, no caso das mulheres em questão (de diversos estratos "elevados ou em ascensão"). Entretanto, as menções à educa-

ção propriamente dita ficam freqüentemente implícitas, levando-nos a indagar sobre a forma concreta como mulheres — e homens — eram educados. A começar pela própria inauguração que motivou a Poliantéia: a abertura de aulas de *desenho e música* (apenas) para meninas, no Liceu de Artes e Ofícios (RJ) em 1881. Ou sobre como teriam sido educadas aquelas poucas que se alçaram ao ofício de escritoras. Ou, ainda, do alcance e tiragem daquela imprensa, ou seja, da proporção de mulheres que podiam — e desejavam — lê-la.

Tal como nos romances examinados, nada se esclarece sobre uma possível vivência escolar, e as poucas, desprestigiosas menções à função de mestras ressaltam o paradoxo: por que, num meio em que o fato de serem "educadas" era precisamente o que as distinguiu das demais mulheres da sociedade, aquelas que educavam, isto é, as professoras, gozavam de "total desprestígio"? E apenas para evitar a miséria absoluta uma mulher poderia (p. 73) "aceitar a obscuridade e a mediania", de propor-se a "seguir o ofício de ensinar"?

O paradoxo se desdobra, ainda, se pensarmos que, à falta ou ao lado de mestras (por tão desvalorizadas), as mulheres em questão teriam sido, elas próprias, necessariamente educadoras, por força de seu papel maternal incontestante...

E as mulheres de ontem foram as que educaram nossos pais, que nos educaram a nós, que... vemos em *Mulheres de Ontem?* um instigante desafio para pensar a questão educacional de ontem e de hoje — de mulheres e homens.

Tina Amado